

*Dom Giussani e a ânsia dos jovens. O homem deseja sempre o absoluto
Sai hoje a nova edição de Realidade e juventude. O desafio (Rizzoli). Publicamos o novo
prefácio do Padre Julián Carrón, publicado pelo Corriere della Sera*

Julián Carón - 28.02.2018

PREFÁCIO
por Julián Carrón

Quando a editora Rizzoli me pediu para escrever um breve prefácio para a nova edição de *Realidade e juventude. O desafio*, fui reler a nota prévia ao livro escrita por Dom Giussani em 1995. E fiquei espantado com o quanto aquelas palavras são pertinentes na situação atual, a ponto de me ter parecido supérfluo acrescentar mais alguma outra coisa; cada palavra a mais teria tido como única consequência a de distrair a atenção do leitor daquele juízo. Por isso, nestas breves linhas, limitar-me-ei a fazer sobressair o valor da reflexão de Dom Giussani relativamente ao contexto hodierno.

Também hoje o poder exerce um fascínio sobre os jovens. Sem se darem conta de até que ponto o poder reduz as suas exigências elementares de homens, quantos se deixam arrastar pela esperança de que, respondendo às promessas do poder, conseguirão satisfazer os seus corações em busca de uma realização! Obviamente, hoje tais promessas não têm o mesmo rosto do passado (pensemos nos totalitarismos do século XX: nazismo, fascismo e comunismo), mas sim do populismo, do nacionalismo ou do homem forte, para não falar das novas formas de condicionamento que são os meios de comunicação social.

Ainda que o rosto do poder tenha mudado, surpreendentemente a sua capacidade de exercer uma atração sobre as novas gerações permanece a mesma. Aliás, os meios de comunicação social – que, porém, representam uma fantástica oportunidade de comunicação – talvez a tenham até aumentado, com um força de penetração diretamente proporcional à fraqueza em lhe resistir.

Às vezes, os pais surpreendem-se com certas atitudes dos filhos, sem se darem conta de que são a consequência lógica da angústia que conseguiram transmitir no «compromisso desesperado» (ver aqui, p. X) de lhes assegurar um futuro sem riscos. Com que preço!

Tudo conspira para fazer calar as exigências deles, mortificando – quase a ponto de anular – a verdadeira dimensão do desejo dos jovens.

Quem poderá oferecer aos nossos jovens um contributo real numa situação tão invasiva, na qual todas as tentativas de estabelecer limites resultam completamente falíveis? Só homens que se tornem para eles uma provocação tal que desperte aquelas exigências fundamentais que foram agora reduzidas pelo mundo que os rodeia.

Homens que não se rendem, como testemunha Ernesto Sabato: «Sempre me recriminaram pela minha necessidade de absoluto, que aliás aparece nas minhas personagens. Esta necessidade atravessa como um rio a minha vida, ou melhor, como uma nostalgia de alguma coisa que nunca teria alcançado [...]. Eu nunca consegui aplacar a minha nostalgia, domesticá-la, dizendo-me que aquela harmonia existiu por algum tempo na

minha infância; gostaria que tivesse sido assim, mas nunca o foi». Continua o escritor: «A nostalgia é para mim uma ânsia nunca satisfeita, o lugar que eu nunca consegui alcançar. Mas é aquilo que quereríamos ser, o nosso desejo. É tão verdadeiro que não se consegue vivê-lo, que poderíamos até acreditar que fica fora da natureza, se não fosse o facto de qualquer ser humano trazer em si esta esperança de ser, este sentimento de alguma coisa que nos falta [...]. A nostalgia deste absoluto é como que o fundo, invisível, incognoscível, mas com o qual confrontamos toda a vida».¹

Só homens à altura do seu desejo poderão realizar a tarefa que a educação deveria desenvolver, como sublinha Dom Giussani: «É esta a chave mestra para se encontrar de novo as perguntas básicas que constituem o homem: defrontar-se com pessoas em que essas interrogações determinem sensivelmente uma procura, abram caminho a uma solução, provoquem dor ou alegria. Então o montão de pedras desaparecerá» (p. 11).

Quem tiver a sorte de encontrar ao longo do caminho homens que lhe restituam a própria humanidade, aquela nostalgia que constitui o fundo invisível, mas real, da existência, poderá ter nas mãos o instrumento para se confrontar com tudo o que aparece no caminho da vida. Só com esta ânsia nunca satisfeita, que se chama «coração», é que o jovem poderá desmascarar a pretensão totalizante das ideologias e de qualquer poder, como aconteceu a uma jovem de dezassete anos catalã, que cresceu no clima do nacionalismo independentista. A jovem lê a declaração de um adulto a respeito do referendo de 1 de outubro de 2017 – «Nós apostamos tudo nisto!» com o referendo – e comenta assim aquelas palavras, fazendo cair o véu da ideologia: «Encontro-me diante de um homem que² aposta toda a sua vida nisto, um homem cuja felicidade depende de uma decisão política».

Este episódio aparentemente banal confirma o quanto tinha razão Giussani: «Quando [...] os tentáculos de uma sociedade adversa se apertarem à nossa volta até ameaçarem a vivacidade da maneira como nos expressamos, e quando houver uma hegemonia cultural e social com tendência a invadir o coração, encorajando as incertezas já naturais, então chegou o tempo da pessoa».³

A pessoa, tão frágil quanto se queira, é irreduzível porque é definida por uma necessidade de absoluto que nenhum poder humano pode satisfazer. «Mas há sobretudo um fenómeno que retesa o arco vibrante da vida humana [...], que é mola de todo o problema: é o fenómeno do *desejo*. O desejo que nos impele a solucionar os problemas, o desejo que constitui a expressão da nossa vida como homens, personifica, em última análise, essa atração profunda com que Deus nos chama para si». (p. 160)

É comovente pensar que Deus se tornou homem para se envolver connosco na aventura para salvar o nosso desejo. «O cristianismo torna-se simpático» ou seja, atraente «quando se descobre que representa uma melhor hipótese no quadro natural dos factores humanos» (p. X). Que dom podem ser para os homens os cristãos que, por força da graça recebida, encarnam no presente aquela indomável irreduzibilidade que Cristo introduziu na história!

¹ E. Sabato, *España en los diarios de mi vejez*, Seix Barral, Barcelona 2004, pp. 178-179; tradução nossa.

² «Abbiamo bisogno di una luce verde», clonline.org, 13 de outubro de 2017, URL consultado a 10 de janeiro de 2018.

³ Citado em A. Savorana, *Luigi Giussani. A sua vida*, Tenacitas, Coimbra 2017, p. 502.